

Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia  
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais  
Trabalho de Conclusão de Curso



ANA CAMILA NASCIMENTO BARBOSA

**NARRATIVAS DA REVOLUÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MÍDIAS  
SOCIAIS NA TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA DA PRIMAVERA ÁRABE**

BELÉM-PA

2023

ANA CAMILA NASCIMENTO BARBOSA

**NARRATIVAS DA REVOLUÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MÍDIAS  
SOCIAIS NA TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA DA PRIMAVERA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Centro de Ciências Naturais e Tecnologia da Universidade do Estado do Pará como requisito para graduação no Curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

Orientadora: Dra. Mayane Bento Silva

Co-Orientadora: Msc. Thainá Penha Baima Viana  
Nunes Nogueira

BELÉM-PA

2023



Universidade Do Estado Do Pará  
Centro De Ciências Naturais E Tecnologia  
Curso De Bacharelado Em Relações Internacionais

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**“Narrativas da revolução: uma análise das mídias sociais na transformação política da Primavera Árabe”**. Trabalho de Conclusão de Curso, foi apresentado como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pelo aluno **ANA CAMILA NASCIMENTO BARBOSA**, em 11 de janeiro de 2024, na Universidade do Estado do Pará (UEPA), e aprovado pela Banca Examinadora, formada pelos seguintes membros:

*Mayane Bento Silva*

**D.Sc. Dra. Mayane Bento Silva, UEPA**

Orientador

*Maiana Silva Ferreira*

**1º Avaliador**

*Débila de Cássia Brito de Miranda*

**2º Avaliador**

Belém/PA, 20 de dezembro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a pessoas especiais que foram fundamentais durante a jornada da elaboração deste trabalho. A meus pais, José Claudio e Nina Rosa, que sempre me incentivaram a perseguir meus objetivos e constituem o meu alicerce inabalável. À minha irmã, Ana Carolina, pelo constante estímulo e apoio que foram verdadeiros pilares para essa conquista e por trazer momentos felizes todos os dias.

Dedico este trabalho à memória de minha tia Ana Gadelha, que nos deixou devido à COVID-19 em 2021; sua torcida e celebração a cada conquista minha ficarão eternamente marcadas. Um agradecimento especial ao meu avô Raimundo Barbosa, uma inspiração constante em minha vida. Sou grata também pelas amizades que construí ao longo da trajetória acadêmica e que suportaram cada momento de alegria, de tristeza, de conquistas e de dificuldades; Ágatha, Jeovana, André, Isabela, Ana e Juliana, vocês são essenciais. Aos demais colegas da universidade que compartilharam essa jornada comigo, vocês foram peças-chave na vivência de uma rotina mais leve.

Meu mais sincero obrigada aos meus amigos, por serem fontes constantes de companheirismo e por iluminarem meus dias com momentos maravilhosos repletos de felicidade e risadas. Um agradecimento especial à Bruna, por ser minha companhia diária em meio a tantos momentos desafiadores e por sempre me incentivar a conquistar meus sonhos. Tenho certeza de que nossa amizade será eterna. Gratidão por fazerem parte da minha jornada e tornarem cada passo mais significativo.

Agradeço aos professores que desempenharam papéis essenciais ao longo da minha jornada acadêmica, com destaque especial para a Professora Mayane Bento. Sua dedicação inabalável e contínua luta pelo crescimento do curso de Relações Internacionais na UEPA são fontes de inspiração. Agradeço profundamente por aceitar a orientação do meu trabalho de conclusão de curso, mesmo em um período caótico, e por sua contribuição vital para finalizarmos essa etapa juntas. Um agradecimento especial também à Professora Thainá, que além de orientadora, foi uma presença constante, me oferecendo suporte em cada momento desafiador ao longo da construção deste trabalho e compartilhando valiosos ensinamentos. A ambas, minha gratidão por moldarem de maneira significativa minha trajetória acadêmica.

A todos, meu profundo agradecimento pelo apoio, compreensão e incentivo ao longo dessa significativa trajetória acadêmica.

## NARRATIVAS DA REVOLUÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MÍDIAS SOCIAIS NA TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA DA PRIMAVERA ÁRABE

Ana Camila Nascimento Barbosa<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho visa analisar a influência da mídia para o desenvolvimento das revoluções ocorridas no período da Primavera Árabe, buscando compreender seu grau de relevância como instrumento de manipulação de poder e avaliando seu papel nesse contexto. Ademais, pretende-se analisar as consequências para o cenário regional das manifestações nos países envolvidos, que se perpetuam até os dias atuais. A pesquisa é fundamentada na crescente relevância das mídias sociais para a era da informação e da globalização para os Estados, dentro de um contexto de recurso de poder, já que, à luz da teoria do neoliberal, os Estados não são os únicos atores a exercer influência sob o cenário internacional. Parte-se da hipótese de que a mídia atuou como um catalisador dinâmico que amplificou as vozes dos protestantes durante o movimento, moldou a percepção pública e redefiniu as narrativas políticas na era digital. O artigo caracteriza-se como um estudo de caso que adota uma metodologia analítico-descritiva, de natureza qualitativa e interdisciplinar, no qual é utilizado o método indutivo para alcançar seus objetivos e a consulta de fontes secundárias como estudos acadêmicos e notícias veiculadas em meios de comunicação de massa para a coleta de dados. Por fim, conclui-se que a mídia desempenhou um papel significativo na construção, mobilização e difusão de ideias e normas que moldam as percepções e interações entre os atores internacionais, atuando como potencializadora dinâmica no desenvolvimento das manifestações.

**Palavras-Chave:** Mídia. Redes Sociais. Poder. Primavera Árabe.

### ABSTRACT

This paper aims to explore the influence of the media on the development of the revolutions during the Arab Spring, seeking to understand how it was used as an instrument of power and

---

<sup>1</sup> AUTORA: Concluinte do curso de bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual do Pará (2024). E-mail: anacamilab66@gmail.com

evaluating its role in this context. Furthermore, the study intends to analyze the consequences for the regional scenario of the protests in the involved countries, which persist to this day. The research is grounded in the growing relevance of social media in the era of information and globalization for states, within a power resource context. In light of neoliberal theory, it is acknowledged that states are not the sole actors influencing the international stage. The hypothesis is that the media acted as a dynamic catalyst, amplifying the voices of protesters during the movement, shaping public perception, and redefining political narratives in the digital age. The article is characterized as a case study employing an analytical-descriptive, qualitative, and interdisciplinary methodology. The inductive method is used to achieve its objectives, and secondary sources, such as academic studies and news from mass media, are consulted for data collection. In conclusion, it is found that the media played a significant role in constructing, mobilizing, and disseminating ideas and norms that shape perceptions and interactions among international actors, acting as a dynamic enhancer in the development of the protests.

**Keywords:** Media. Social Media. Power. Arab Spring.

## 1 INTRODUÇÃO

A Primavera Árabe foi um conjunto de protestos e movimentos de contestação que eclodiu no final de 2010 em diversos países do Oriente Médio e do Norte da África (MENA), marcando um momento importante na história das Relações Internacionais. Essas manifestações foram caracterizadas por uma onda de mobilizações populares em busca de mudanças políticas, econômicas e sociais, bem como por demandas por maior democracia, direitos humanos, justiça social e combate à corrupção. O termo “Primavera Árabe” não é amplamente pacífico entre os acadêmicos da área, porém, na ausência de outra denominação, utilizar-se-á o termo para tratar desses levantes na região (Hounshell, 2011).

Os protestos da Primavera Árabe tiveram início na Tunísia, em dezembro de 2010, após o suicídio de um jovem vendedor ambulante que havia sido maltratado pela polícia e ateou fogo no próprio corpo. Esse evento desencadeou uma série de manifestações em todo o país, exigindo a saída do presidente autoritário Zine El Abidine Ben Ali. O sucesso da revolução na Tunísia inspirou movimentos similares em outros países do Norte da África: Argélia, Djibuti, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental; assim como os países do Golfo

Pérsico: Iêmen, Omã, Bahrein; incluindo Iraque, Jordânia e Síria (que ainda está sendo assolada por uma guerra civil. (Feraboli, 2012).

Ao tomar proporções, jamais vistas, em todo o mundo árabe, a nomenclatura faz uma alusão à “Primavera de Praga”, quando o eslovaco Alexander Dubcek assume o poder na antiga Tchecoslováquia, provocando uma mudança substancial no país comunista. O termo é considerado, entre muitos da comunidade acadêmica, uma generalização excessiva, pois sugere uma homogeneidade nos eventos e nas demandas de todos os países envolvidos. No entanto, os levantes ocorreram em contextos políticos, sociais e culturais distintos, e suas causas e desdobramentos variaram significativamente (Bijos; Silva, 2013)

No contexto dos levantes, as mídias sociais desempenharam um papel significativo. A revolução das mídias sociais, impulsionada pela disseminação de informações através da internet e das redes sociais, foi um fator-chave na mobilização e na coordenação dos protestos. Plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* permitiram que as pessoas compartilhassem informações, organizassem manifestações e se comunicassem entre si de maneira rápida e eficaz. A capacidade de divulgação de informações e imagens através desses veículos contribuíram para a disseminação das demandas dos manifestantes, aumentando a consciência global sobre os eventos ocorridos em tempo real (Vieira, 2013).

Além disso, durante a Primavera Árabe, a exposição internacional da luta por liberdade e direitos humanos em países como Tunísia e Egito gerou simpatia e apoio por parte de outros países e organizações internacionais. Tal fato influenciou a percepção global sobre os regimes autoritários em questão e pressionou líderes internacionais a tomar posicionamentos em relação aos acontecimentos (Joffé, 2011).

O evento representou um momento importante de mudança e esperança na região, mas também gerou muitos desafios e incertezas, além do desencadeamento de outros conflitos. Os levantes populares levaram à reorganização das relações de forças na região, sejam elas as forças políticas internas de cada país, seja em relação à diplomacia regional, ou mesmo no que tange à abordagem de potências estrangeiras aos desafios que surgiram nesse contexto. Este cenário transformador alinha-se com as perspectivas teóricas de Keohane e Nye, evidenciando a natureza em constante evolução das relações globais e a intrincada interação das dinâmicas de poder dentro e entre nações (Feraboli, 2012).

Através do emprego dos meios de comunicação e manifestações culturais, as nações procuram manifestar seus valores, concepções e políticas, enquanto estabelecem vínculos de diálogo e colaboração com outras nações. Desta forma, o presente trabalho objetiva investigar a

instrumentalização da mídia no contexto da Primavera Árabe a fim de responder à seguinte pergunta: **Como o uso da mídia influenciou o desenvolvimento dos levantes ocorridos durante a Primavera Árabe?**

As mídias sociais desempenharam um papel crucial no desenvolvimento das manifestações, atuando como catalisadores dinâmicos que amplificaram as vozes dos protestantes, moldaram a percepção pública e redefiniram as narrativas políticas na era digital. A convergência de plataformas midiáticas permitiu uma disseminação rápida de informações, facilitando a mobilização em massa e conectando grupos dissidentes. A proliferação de narrativas alternativas e a descentralização da informação contribuíram para a formação de identidades coletivas, fortalecendo a resistência contra os regimes autoritários.

Contudo, a manipulação da mídia por diferentes atores, incluindo governos e grupos de oposição, introduziu desafios na busca pela verdade e na consolidação de uma opinião pública unificada. O uso estratégico da mídia não apenas influenciou, mas foi intrinsecamente entrelaçado ao desenvolvimento dos levantes durante a Primavera Árabe, moldando a dinâmica social e política da região.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem por objetivo geral compreender o modo com que a mídia obteve influência sobre as manifestações ocorridas durante o movimento da Primavera Árabe. Para tal, serão descritos, primariamente, os eventos ocorridos durante a revolução e a utilização da mídia no contexto. Depois, será discutido acerca do uso da mídia como ferramenta de influência de poder nos relacionamentos entre as nações. Por fim, analisar-se-á as mudanças nas dinâmicas de poder em decorrência deste evento e seus impactos à nível internacional.

O estudo assume preponderância para o campo das Relações Internacionais, uma vez que, a Primavera Árabe foi um evento histórico que teve um impacto significativo na política mundial. A região do Oriente Médio sempre foi relevante em relação direta aos países ocidentais, principalmente no que tange às suas riquezas naturais: petróleo e gás natural; de igual modo, o constante perigo de guerra iminente, por exemplo, entre os árabes e os judeus. Ademais, a relação entre a mídia e seu uso como mecanismo estratégico de influência dos países demonstra como ambos são importantes ferramentas de poder e de projeção de imagem dos países no cenário internacional (Vieira, 2013).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este estudo possui como principal objetivo analisar a relevância da mídia no contexto dos levantes ocorridos durante a Primavera Árabe. Para tanto, faz-se necessária uma descrição do ocorrido durante as manifestações e uma contextualização sobre a utilização da mídia nesse cenário. Ademais, será preciso realizar uma avaliação do uso da mídia como mecanismo de influência estratégica, e, por fim, fazer uma análise acerca da repercussão das mudanças das dinâmicas de poder na Primavera Árabe, no cenário mundial, sob a ótica da mídia.

### 2.1 A Primavera Árabe: contexto histórico da região e a utilização das mídias

A fim de entender a Primavera Árabe como uma temática atrelada às Relações Internacionais Contemporâneas, é necessário recorrer a uma breve contextualização histórica, situando as instabilidades geopolíticas da região do Oriente Médio e do Norte da África, desde o século XX, inicialmente.

O MENA foi controlado, sobretudo, com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), por meio do sistema de mandatos, pelas potências do continente europeu. Magnoli (2013) afirma que “as potências europeias criaram fronteiras coloniais e protetorados, dividindo os territórios sob o seu domínio. Desse modo, surgiram os embriões dos “Estados árabes contemporâneos”. Tal dominação deu-se por conta da dissolução do Império Turco-Otomano, o qual perdeu a Grande Guerra, junto com os Impérios Alemão e o Austro-Húngaro (Hourani, 2006). Em síntese, ”a decadência otomana abriu caminho para o imperialismo europeu na África do Norte e, depois, no Oriente Médio. No século XIX, a França estabeleceu seu domínio no Magreb e a Grã-Bretanha, no Egito. Em 1912, a Itália ocupou a Líbia.” (Magnoli, 2013, p. 360).

Os mandatos europeus foram paulatinamente substituídos por lideranças internas, principalmente, após a exposição dos horrores do Holocausto. A Organização das Nações Unidas (ONU), encerrou o mandato britânico na Palestina, em 1947, e promoveu a partilha da região em dois Estados, cuja criação que efetivamente ocorreu foi a de Israel (Magnoli, 2013). Com isso, após anos de dominação europeia, o estabelecimento do Estado Judaico foi responsável pela migração forçada de grande parte da população palestina, já que não houve a criação do Estado Árabe Palestino, assim, “a imigração judaica provocou sangrentos conflitos com a população árabe nativa.” (Magnoli, 2013, p. 362).

Os acontecimentos pós-Segunda Guerra Mundial, em meio ao histórico processo de dominação da região do MENA, levaram ao crescimento de um sentimento anti-ocidental e pan-arabista entre a população e as lideranças locais. Nesse sentido, Magnoli (2013) define que “o fundamento do pan-arabismo consistia na noção da existência de uma única nação árabe, fragmentada pelo imperialismo europeu. A unidade política possibilitaria a reunião dos recursos dos diferentes países árabes e a configuração de uma potência econômica”.

Desse modo, a segunda metade do século XX foi marcada pela oposição árabe-israelense e pelo crescimento do projeto pan-arabista na região. Por conta da bipolaridade que marcava o cenário geopolítico mundial, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) disputavam áreas de influências regionais, de modo que Israel, desde a sua criação, era aliado dos EUA, enquanto os estados árabes tinham o apoio soviético (Magnoli, 2013). Contudo, esse período temporal também é definido pelos regimes ditatoriais que foram estabelecidos no MENA, com a retirada das potências europeias do controle político da região.

Nesse sentido, a população mantinha-se sob a opressão de seus ditadores, convivendo com altos índices de violência estatal, privações de direitos civis, políticos e sociais, crises econômicas, embargos e tantas outras limitações. Logo, o sentimento de insatisfação popular foi intensificando-se ao longo dos anos subsequentes. Magnoli (2013, p. 368), sustenta que:

O impulso inicial do pan-arabismo perdeu força com os fracassos do Egito e da Síria nas guerras árabe-israelenses e com as divergências entre os próprios regimes pan-arabistas. Aos poucos, tais regimes republicanos e nacionalistas se cristalizaram em ditaduras que, do ponto de vista das liberdades públicas, pouco se distinguem das monarquias árabes remanescentes.

Sendo assim, a região do Oriente Médio, desde a década de 1970 (levando em consideração todos seus antecedentes), é cenário de diversos eventos extremamente interessantes à análise de conjuntura internacional. De crises de recursos naturais a conflitos políticos internos, a região pode ser observada sob a lentes geográficas e geopolíticas diferenciadas.

As últimas décadas do século XX e o início do novo milênio foram marcadas por profundas transformações políticas, econômicas e culturais que tiveram um impacto significativo nas relações internacionais. O fim da Guerra Fria encerrou o sistema bipolar, abrindo caminho para uma nova ordem mundial. O terrorismo ganhou maior alcance internacional, representando uma ameaça global em diferentes regiões. Simultaneamente, houve

um fortalecimento dos movimentos antiglobalização, evidenciado em manifestações contra encontros de rodadas econômicas multilaterais (Vieira, 2013)

Além disso, a crise financeira global de 2008 acentuou ainda mais a complexidade do cenário internacional, mostrando que eventos econômicos em uma parte do mundo podem ter impactos em escala global. Esses acontecimentos configuram um período de mudanças intensas e desafios para as relações entre os países e organizações internacionais.

Nesse contexto, os meios de comunicação, elementos tradicionais de mediação da realidade através do jornalismo formal, que colhem e difundem informações sobre acontecimentos para além das fronteiras nacionais e interligam públicos distantes em termos geográficos, reconfiguram esta relação por meio do incremento amplificado da internet, sobretudo no que diz respeito ao protagonismo social neste processo comunicativo. Assim, nota-se que, já na primeira década do século XXI, importantes eventos políticos foram observados com a participação de atores utilizando a internet enquanto ferramenta política, dentre estes, a Primavera Árabe (Vieira, 2013).

A Primavera Árabe pode ser conceituada como um movimento revolucionário que se iniciou em meados de 2010 em diversos países do Norte de África, como Tunísia, Egito, Líbia, Síria e outros. As origens desse movimento perpassam fatores socioeconômicos, políticos e culturais que contribuíram para o descontentamento popular e as manifestações em massa contra os regimes autoritários que estavam em vigor na região (Joffé, 2011). De maneira geral, entende-se que:

O longo inverno ditatorial começou a se romper no final de 2010, com a irrupção de protestos de massa na Tunísia [...]. A revolução tunisiana foi a centelha para a eclosão de um levante popular pacífico no Egito, núcleo geopolítico do mundo árabe (Magnoli, 2013, p. 368).

A Tunísia foi o local onde as manifestações que deram estopim para o fenômeno da Primavera Árabe iniciaram, com destaque para o simbólico caso de autoimolação, quando Bouazizi, um feirante que sofreu com violência policial e sem o auxílio do próprio governo para reaver seus instrumentos de trabalho, decidiu atear fogo a si mesmo como forma de protesto contra a repressão em seu país, acendendo uma fagulha de revolta no povo árabe, que se alastrou pela região (Gardner, 2011).

As tensões de caráter regional são fruto de um longo processo histórico que, em determinado ponto, confunde-se com a própria história da formação do continente asiático e com as mudanças de fases históricas e na estrutura do Sistema Internacional. Muitas das disputas regionais, bem como divergências políticas são fruto de eventos como o colonialismo, o

imperialismo japonês e ocidental (Europa e Estados Unidos), as revoluções - dentre outros tantos processos pelos quais passaram os países da região. Essas tensões transformaram-se na medida em que também foram vistas mudanças na estrutura sistêmica e na economia política internacional. Algumas mudanças podem ser exemplificadas como o fim dos impérios coloniais, o fim da bipolaridade, a emergência da globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias. (Bonacina; Alves; Tessuto, 2017).

Nessa perspectiva, as mídias sociais desempenharam um papel fundamental na Primavera Árabe, desafiando a narrativa tradicional do poder e da comunicação. Plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* permitiram que os manifestantes se organizassem, compartilhassem informações em tempo real e mobilizassem uma ampla audiência tanto nacional como internacional. Essas ferramentas digitais possibilitaram a rápida disseminação de notícias e imagens dos protestos, engajando uma nova geração de ativistas e conectando pessoas em diferentes países da região. As mídias sociais se tornaram um canal essencial para contornar a censura e divulgar histórias não relatadas pela mídia tradicional, dando voz aos manifestantes e aumentando a conscientização global sobre os acontecimentos na Primavera Árabe (Bartkowiak, 2017).

Os levantes iniciados em 2010 resultaram em mudanças políticas, como a queda de líderes, mas também geraram outros conflitos e guerras civis, a exemplo da Líbia e da Síria. Além disso, a região enfrentou desafios econômicos e sociais, incluindo instabilidade, desemprego e desigualdade. Os protestos também destacaram questões de direitos humanos e levaram a um aumento no fluxo de refugiados. Os resultados foram variados e complexos, com impactos profundos nas dinâmicas políticas e sociais no Norte da África e Oriente Médio (Joffé, 2011).

## 2.2 O uso da mídia como mecanismo de influência estratégica.

Nas décadas de 1980 e 1990, observou-se uma transformação significativa nas relações internacionais, especialmente na interação entre a sociedade civil e os Estados, assim como entre as sociedades civis de diferentes nacionalidades. O avanço tecnológico desempenhou um papel crucial ao encurtar distâncias por meio de meios de transporte aprimorados e, sobretudo, ao proporcionar meios de comunicação mais eficientes. Isso resultou em uma interação humana facilitada e acelerada. Pela primeira vez na história, a mídia jornalística foi capaz de transmitir um fluxo contínuo de notícias globais em tempo real. As novas tecnologias expandiram o escopo

do debate político, tornando a mídia não apenas um fator a ser considerado no jogo político, mas também fornecendo informações suficientes para que a sociedade civil pudesse debater políticas públicas de maneira fundamentada (Elias, 2011).

A rapidez e a acessibilidade da mídia, combinadas com meios de comunicação aprimorados, deram origem a novas arenas de debate e ofereceram canais inéditos para que a população expressasse suas demandas e preferências políticas. Além disso, possibilitaram a comunicação, interação e identificação entre sociedades de diferentes países (Elias, 2011).

As interações entre os atores internacionais, ou seja, a interação entre os países, não são acontecimentos contemporâneos. As relações entre os agentes internacionais sempre ocorreram, o que foi alterado após a estruturação de um Sistema Internacional como o conhecido hoje, é o aumento e a intensificação de tais relações.

A mídia desempenha um papel fundamental como uma das principais fontes de informação para a população sobre os processos internacionais, testemunhando acontecimentos e direcionando a atenção do público para eventos específicos (Hill, 2003). A mídia pode ser definida como um conglomerado de empresas midiáticas, detentoras de canais de comunicação que exercem poder na formação da opinião pública. A opinião pública, entendida como um consenso coletivo dentro das comunidades sobre assuntos políticos e civis, é um processo social e comunicativo, no qual a mídia desempenha um papel proeminente ao influenciar sentimentos individuais sobre uma ampla gama de questões políticas (Mccombs, 2011).

Diferentes abordagens nas Relações Internacionais atribuem à mídia importância e influência variadas na política internacional. Sob a perspectiva realista, as políticas são moldadas no nível da elite tomadora de decisões, com pouco interesse nos pontos de vista do público ou da mídia. Segundo essa visão, a política externa reflete as relações entre os Estados, minimizando o impacto de atores domésticos ou transnacionais. Por outro lado, a abordagem liberal destaca o papel central da opinião pública e da mídia na política externa. Nessa perspectiva, a mídia atua de forma independente do governo, facilitando a disseminação de valores liberais, como democracia, e permitindo que a sociedade civil participe ativamente na formulação de políticas (Robinson, 2012).

A teoria da interdependência complexa, que emergiu nas décadas de 70 e 80 pelos autores Keohane e Nye, argumenta que novos atores não estatais, como grupos de interesse político e corporações multinacionais, alteram a balança de poder, desafiando a posição exclusiva do Estado nas Relações Internacionais. Essa perspectiva destaca a influência desses

atores transnacionais na dinâmica internacional, ampliando o escopo tradicional da teoria das Relações Internacionais (Robinson, 2012)

O poder é um conceito central nas relações internacionais e é caracterizado pelo uso de diferentes estratégias para atingir objetivos específicos, seja por meios coercitivos ou através de outras táticas de influência. Nessa perspectiva, têm-se o conceito de poder midiático, o qual refere-se à capacidade que os meios de comunicação têm de influenciar a opinião pública, moldar a agenda política e, em última instância, exercer uma forma de poder na sociedade. Desde os anos 1980 e 1990, o poder midiático tornou-se cada vez mais relevante no campo da política devido a várias transformações na paisagem da comunicação global (Elias, 2011).

Para os autores da corrente neoliberal Keohane e Nye, as Relações Internacionais não acontecem no vácuo, e os seus agentes não são exclusivamente o diplomata e o soldado. Tal pensamento argumenta que as interações entre Estados não ocorrem isoladamente, contestando uma visão tradicional, além de enfatizar a interconexão de eventos globais e a influência de fatores contextuais na dinâmica internacional. A observação de que os agentes das relações internacionais não se limitam a diplomatas e soldados destaca a multiplicidade de atores envolvidos. Isso pode incluir organizações não governamentais, empresas, grupos de interesse, e, até os meios de comunicação (Keohane; Nye, 1971).

Os meios de comunicação desempenham um papel crucial na formação da opinião pública, na disseminação de informações e na construção de narrativas que podem influenciar as decisões e políticas internacionais. Estes têm o poder de definir a agenda global ao decidir quais questões são destacadas e discutidas. Além disso, sua capacidade de construir narrativas específicas pode moldar a percepção pública sobre eventos internacionais e influenciar a política externa. Também desempenham um papel na chamada “diplomacia pública”, onde a imagem de um país é moldada e comunicada diretamente ao público estrangeiro. Isso vai além das interações tradicionais entre diplomatas. Reconhecer que os meios de comunicação são agentes importantes destaca a interconexão entre o poder e o controle da informação. O controle ou influência sobre a narrativa midiática pode ser considerado uma forma de exercício de poder na arena internacional (Elias, 2011).

O surgimento de redes de comunicação globais e a expansão da cobertura midiática internacional permitiram com que as notícias e informações fossem compartilhadas globalmente. Isso deu às organizações midiáticas uma influência mais abrangente sobre as percepções e opiniões em escala mundial. Ademais, o desenvolvimento rápido da tecnologia da informação e comunicação, especialmente com a ascensão da internet, aumentou

significativamente a capacidade dos meios de comunicação de alcançar audiências vastas e diversificadas em tempo real. Isso amplificou o alcance do poder midiático e a velocidade com que as informações são disseminadas (Robinson, 2002).

A transição para um ciclo de notícias contínuo, 24 horas por dia, sete dias por semana, transformou a dinâmica da cobertura noticiosa. A constante disponibilidade de informações influenciou a formação de opiniões e a agenda política, uma vez que os eventos são instantaneamente transmitidos e discutidos. A ascensão das mídias sociais proporcionou às pessoas uma voz mais direta na esfera pública. Indivíduos agora têm a capacidade de compartilhar informações, expressar opiniões e mobilizar-se politicamente de maneiras antes inimagináveis, alterando a dinâmica tradicional do poder midiático (Robinson, 2002)

O “Efeito CNN” refere-se à capacidade da mídia, em especial a rede de notícias CNN (Cable News Network), de influenciar a agenda e a percepção pública ao destacar e repetir determinados eventos. Originando-se na década de 1990, quando a CNN ganhou destaque ao relatar eventos internacionais em tempo real, o termo evoluiu para descrever como a constante cobertura midiática de certos assuntos pode moldar a atenção do público e a interpretação dos acontecimentos. O “Efeito CNN” destaca o impacto da repetição constante de notícias em moldar a importância percebida de certos temas, muitas vezes influenciando a agenda pública e política (Robinson, 2002).

Com a proliferação de plataformas de mídia e a concorrência por atenção, a capacidade de atrair e reter audiências tornou-se crucial. Isso impacta diretamente a formação de opiniões, uma vez que a atenção do público é um recurso valioso. A política e a mídia tornaram-se interdependentes, onde a cobertura midiática influencia a política e, inversamente, as estratégias políticas moldam a narrativa midiática. Políticos e líderes agora precisam considerar não apenas as decisões políticas, mas também sua apresentação na mídia. Contudo, A concentração de propriedade midiática e a comercialização crescente podem apresentar desafios à imparcialidade e à diversidade de perspectivas na cobertura noticiosa, afetando a qualidade do debate público e a formação de opiniões (Coban, 2016).

A teoria da interdependência complexa, desenvolvida por Robert Keohane e Joseph Nye, propõe uma abordagem inovadora para entender as relações internacionais, divergindo da visão tradicional baseada no poder militar. Esta teoria destaca a interconexão de várias dimensões, como econômica, política e social, entre os atores globais. Em um contexto de interdependência complexa, as questões transnacionais ganham destaque, e o papel da mídia é crucial para a compreensão dessas relações. A disseminação instantânea de informações pela

mídia desempenha um papel fundamental na formação de percepções e na influência sobre as decisões dos atores internacionais, amplificando a compreensão da interdependência nas relações globais (Martinelli, 2016).

No livro “Communication Power” (2009), Manuel Castells destaca a importância da “auto-comunicação de massa”, que abre as mídias sociais a diversas oportunidades. Em uma era caracterizada por essa forma de comunicação, movimentos sociais e insurgências políticas têm a oportunidade de ingressar no espaço público por meio de múltiplas fontes. Ao utilizar tanto redes de comunicação horizontais quanto os principais meios de comunicação para disseminar suas imagens e mensagens, esses movimentos aumentam suas possibilidades de efetivar mudanças sociais e políticas, mesmo quando começam em posição subordinada em relação ao poder institucional, recursos financeiros ou legitimidade simbólica. Nesse contexto, Castells demonstra o papel estratégico que as novas mídias sociais desempenham na articulação de uma mudança social e política (Castells, 2009).

Após exclusões históricas das vozes dos cidadãos em muitos processos de desenvolvimento em todo o mundo, processos de desenvolvimento injustos foram desafiados, e 2011, com o movimento da Primavera Árabe no Oriente Médio e no Norte da África, marca uma profunda mudança neste sentido. O autor Nick Couldry fala sobre as “novas tecnologias de voz” (Couldry, 2010), destacando novas possibilidades que a mídia e tecnologia estão permitindo. A exemplo: as novas tecnologias estão permitindo que a voz em público fale para uma gama muito maior de pessoas. Isso é aparente, embora as questões de falta de acesso, recursos e competências ainda produzam barreiras digitais. Um conhecimento mútuo muito maior dessas novas vozes surgiu, na medida em que mais histórias podem ser circuladas, mais rápidas e mais eficientes.

Além disso, novas escalas de organização foram criadas graças à internet. Os eventos durante a Primavera Árabe são exemplos disso. Muitas manifestações se organizaram por meio de comunicações virtuais. Logo, a compreensão dos espaços que são necessários para a política organizacional mudou.

No contexto mais amplo das mobilizações sociais ao longo do século XX, a influência da mídia tem sido substancial. A ascensão das comunicações de massa, a televisão e, mais recentemente, a disseminação digital têm modificado profundamente a dinâmica das mobilizações sociais, por exemplo. A capacidade de compartilhar informações instantaneamente e mobilizar grandes grupos de pessoas tornou-se uma característica central dos protestos e movimentos sociais contemporâneos, e a mídia desempenha um papel integral nesse processo.

### 2.3 As consequências do movimento a nível internacional .

A Primavera Árabe desencadeou profundas alterações nas dinâmicas de poder na região do Norte da África e Oriente Médio, com efeitos significativos que se estenderam para além dessas fronteiras. Em primeiro lugar, a queda de líderes autoritários e a instabilidade política resultante abriram espaço para a ascensão de novos atores políticos e grupos insurgentes. Isso levou a uma fragmentação do poder, com diferentes facções lutando por influência e controle em muitos países afetados. Essa diversidade de atores e interesses complexificou as relações regionais e criou um ambiente mais volátil para a diplomacia e a cooperação entre as nações (Joffé, 2011)

As manifestações agitaram a realidade dos países alvos, que tiveram de lidar com mudanças políticas e sociais para tornar a governabilidade possível, iniciando, assim, um processo de (tentativa) de democratização em estados árabes - não necessariamente bem-sucedida. Os levantes também trouxeram à tona as rivalidades existentes entre Estados, ampliando as tensões geopolíticas na região. Potências regionais e globais buscaram proteger seus interesses estratégicos, apoiando diferentes grupos e atores políticos, muitas vezes aumentando os conflitos e a competição por influência. Essas rivalidades podem ser observadas em questões como a guerra civil na Síria, em que atores externos têm apoiado lados opostos, complicando ainda mais a busca por soluções políticas e pacíficas (Joffé, 2011).

Outrossim, a Primavera Árabe estimulou a busca por reformas políticas e sociais em outros países da região, como uma resposta ao desejo por maior participação política e respeito aos direitos humanos. Algumas nações realizaram reformas para evitar protestos semelhantes, enquanto outras reprimiram movimentos de oposição de forma mais intensa. Essas abordagens diversas tiveram impactos variados nas dinâmicas de poder em diferentes países, com alguns conseguindo estabilizar suas políticas internas, enquanto outros continuam enfrentando desafios significativos para a governança e a estabilidade (Feraboli, 2012).

A exemplo dessa questão: quando, em 2010/2011, os protestos populares se alastraram na Tunísia e depuseram Ben Ali, foi destruído o ideal do país de vivência de uma estabilidade autocrática, o que levou a diversas indagações sobre o futuro do país e abriu espaço para a democratização. Este processo, se deu através da influência de variáveis independentes, tais como indicadores socioeconômicos; perfil das novas constituições; característica dos movimentos islâmicos; relações civil-militares e sistema eleitoral (Lima, 2014).

Tal qual um motivador dos protestos durante a Primavera Árabe, a alta taxa de desemprego foi um fator importante nos anos que se seguiram definidores das novas políticas e regimes. De acordo com a plataforma CEIC - Global Economic Data, Indicators, Charts & Forecasts, entre 2011 e 2013, foi percebido um declínio do desemprego na Tunísia de cerca de 18% para 15%. No que diz respeito à representação política, após a revolução de 2011, o país passou a reservar 50% das vagas dentro de seus partidos políticos.

Segundo a Organização sem fins lucrativos *Freedom House*, os índices de liberdade na Tunísia encontraram melhorias nos aspectos de direitos políticos e liberdades civis. Considerando-se mais próximo de 1 um maior índice de liberdade, a Tunísia saiu de 7 para 3 em direitos políticos e, ainda, 5 para 4 em liberdades civis. Tal estatística representa a passagem de país “Não Livre” para país “Parcialmente Livre”.

No que concerne a veículos de informação, a Tunísia alcançava em 2010, 85 pontos na escala da *Freedom House*, na qual, a partir do número 60, os países já eram considerados como ‘Não Livres’, o que destaca a forte repressão tunisiana nos rádios, jornais impressos e canais de televisão. Entretanto, após a onda de protestos, o país contabilizou 52 pontos e passou a ser considerado “Parcialmente Livre” em 2013. Seguindo no rumo da democracia, o país subiu o ranking de países mais democráticos, de acordo com os critérios da revista *The Economist* (2023)<sup>2</sup>, saindo da 114ª posição para 90ª.

O processo que se seguiu no Egito, foi distinto do que ocorreu na Tunísia no pós-revolução. Se antes da revolução o Egito destinava cotas para mulheres na política (64 das 158 cadeiras), nos anos seguintes essa reserva foi extinta. Assim como na Tunísia, em 2010, o Egito apresentava graves violações dos direitos fundamentais, estes índices melhoraram em 2012, mas decaíram em 2013, o que representou um forte retrocesso, mantendo suas pontuações entre 6 e 5, tanto em direitos políticos quanto liberdades civis, na escala da *Freedom House* (*The Economist*, c2023).

Sobre a liberdade de imprensa e comunicação, o Egito foi considerado “Não Livre”, e, apesar de ter apresentado melhoras no imediato do pós-revolução, sofreu outro retrocesso e fechou o ano de 2013 com os meios de informação controlados pelo governo. No que tange ao quesito democracia, o país subiu no ranking de países mais democráticos do *The Economist* (c2023), saindo de 138ª para o 109ª lugar - abaixo da Tunísia.

---

<sup>2</sup> O *The Economist* criou seu score baseado na avaliação de cinco critérios: Processo eleitoral; Funcionalidade do Governo; Participação Política; Cultura Política e Liberdades Civis.

Com a saída da clandestinidade, grupos políticos islâmicos ergueram suas vozes e, no Egito, a principal força foi a Irmandade Muçulmana. O grupo fez uma declaração que foi publicada pelo próprio website da Irmandade, em que se comprometeram com os direitos humanos e os direitos das mulheres, além de discorrerem sobre limites da Sharia, aos quais procuravam respeitar. Isto resultou em uma declaração controversa, expondo o conservadorismo do grupo e sua inclinação antidemocrática (Lima, 2014).

Historicamente, o governo e militarismo no Egito eram algo inseparável, fazendo com que muitos presidentes fossem, também, militares e os transformando nos principais atores políticos do país. Em contrapartida, os militares egípcios apoiaram os protestos da Primavera Árabe em decorrência da não aceitação do sucessor de Hosni Mubarak, seu filho Gamal Mubarak, que pertencia a uma nova classe dentro do partido governista, mais liberal, o que preocupava o Exército, dadas as possíveis reformas que Gamal pudesse implementar em um mandato próprio. Além disso, estes não se agradavam ao pensar em dividir as esferas de poder, muito menos, simpatizavam com a radicalização e islamização dos jovens, que estavam insatisfeitos com os problemas socioeconômicos no país (Lima, 2014).

Foram os militares que assumiram o poder no pós-revolução, através da junta *Supreme Council of the Armed Forces* (SCAF), responsável pela suspensão da Constituição e a dissolução do Parlamento. Em novembro de 2011, ocorreram as primeiras eleições egípcias, que resultaram em uma maioria de cadeiras para membros da Irmandade Muçulmana, cujas intenções sofriam com a desconfiança dos militares, os quais temiam perder influência política para a Irmandade. Isso levou a um ambiente de incerteza sobre a transferência de poder para um líder ligado ao grupo, Mohamed Morsi. Os generais tinham motivos políticos e econômicos para se manterem no poder, devido ao status e à imunidade política do Exército, além do controle econômico que detinham (Lima, 2014).

Na Constituição de 2012, houve avanços na proteção dos direitos dos cidadãos, como proibição da tortura e algumas garantias econômicas, embora alguns pontos como o papel secundário das mulheres e a ênfase na Sharia como fonte principal das leis, não refletissem plenamente os princípios democráticos e de dignidade humana, além de punir qualquer desrespeito aos mensageiros e profetas do Islã (Lima, 2014).

Após a queda de Mohamed Morsi, os militares assumiram o controle no Egito e suspenderam a constituição feita em 2012. A nova constituição, em 2014, tentou corrigir algumas das falhas da anterior. No preâmbulo, reconheceu os direitos das mulheres como iguais aos dos homens, abandonando a expressão que as colocara em um papel secundário. A Sharia

ainda foi mantida como fonte primária de leis, mas a constituição de 2014 assegurou direitos políticos mais amplos para as mulheres, permitindo com que se candidatassem a cargos parlamentares e executivos, além de comprometer-se com a proteção das mulheres contra a violência. Ambas as constituições egípcias, em momentos distintos, parecem ter beneficiado ora os islamistas, ora os militares, refletindo as mudanças políticas e sociais do país ao longo do tempo (Lima, 2014).

A Síria, enquanto um dos principais países envolvidos no movimento da Primavera Árabe, ainda vive uma intensa guerra civil atualmente. Desse modo, entende-se que foi um dos locais mais desestabilizados da região. O país em questão vem sendo governado pela família Assad, que pertence ao minoritário grupo de árabes xiitas, desde 1971. O presidente Hafez Al-Assad dedicou seu governo à organização do exército, da segurança, do partido e das demais instituições estatais sírias até a sua morte em 2000, quando foi substituído por seu filho Bashar Al-Assad, que está no poder desde então (Termos, 2019).

Movidos pela fagulha revolucionária que se alastrou pelo MENA, a população síria revoltou-se contra os abusos de poder e a violência com a qual o aparato estatal oprimiu aqueles que fossem contra o regime de Bashar Al-Assad; reside aí o início do conflito sangrento, demasiadamente longo e envolvendo diversos atores, sem perspectivas de resolução. No que diz respeito aos protestos, pode-se dizer que iniciaram no primeiro trimestre de 2011, quando quinze jovens da cidade agrícola de Deera, inspirados pelas convulsões sociais sem precedentes na região, grafitaram a frase: “o povo quer a queda do regime”; capturados pela força policial, os jovens árabes sunitas foram presos e torturados. A partir de então, grupos por todo o país levantaram-se contra o autoritarismo e a corrupção do governo de Bashar Al-Assad, que violentamente vem tentando suprimir os anseios pró-democracia (Termos, 2019).

Ainda que desde as primeiras revoltas civis em 2011, Bashar Al-Assad tenha utilizado o aparelho estatal para reprimir a população, é indubitável que o apoio logístico, militar, político e econômico de Vladimir Putin tem sido essencial para sustentar o atual regime do país, diante das pressões internas e externas para destituição da família Assad. Decerto, a aliança com a Rússia está sustentada em diversos âmbitos, afinal a potência não-ocidental tem interesses geoestratégicos no Mediterrâneo Sírio, como manter operações na base russa de Tartus, o que só é possível mediante o aval do presidente sírio. Em âmbito regional, a Síria conta com o apoio do Irã, que tem interesse em assegurar a liderança xiita no Oriente Médio, com o apoio do Hezbollah, braço xiita do Irã no Líbano (Figueiredo, 2021).

A ligação Rússia-Síria é uma herança da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que desde 1944 estabeleceu alianças com o Estado árabe, que perseveraram mesmo após a desintegração da URSS. Tal conexão é suficiente para frear qualquer intervenção multilateral na guerra civil síria que provenha do Conselho de Segurança das Nações Unidas, dado o poder de veto da Rússia em favor de Bashar Al-Assad (Figueiredo, 2021).

Levando-se em conta a longevidade e intensidade da guerra da Síria, são notáveis as consequências que a parcela civil vem enfrentando desde o início dos embates. Segundo observações da Organização das Nações Unidas (ONU), “a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo”, afinal, ao longo de 11 anos “mais de 13 milhões de pessoas fugiram do país ou estão deslocadas dentro do país” (Cheshirkov, 2022).

Nesse sentido, é perceptível como a Primavera Árabe contribuiu para o desencadeamento de uma guerra civil na Síria que tomou proporções internacionais e persiste muitos anos após as ondas de protestos populares que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África. Além disso, outra consequência foi uma das maiores catástrofes humanitárias do milênio e a onda de refúgio gigantesca, a qual vem impactando diversos países da região e do mundo que têm recebido esses refugiados. Quanto aos cidadãos que permanecem em território nacional, uma considerável parcela foi obrigada a deslocar-se internamente e sobrevive em situações precárias (Termos, 2019).

Em paralelo a esses desdobramentos para Síria, Tunísia e Egito, a Primavera Árabe reverberou em diversas nações da região, acarretando consequências significativas. Em alguns casos, observou-se um aumento das tensões sectárias e instabilidade política, como evidenciado no Iêmen e na Líbia, onde conflitos prolongados resultaram em crises humanitárias e desafios para a governança. Outras nações, como Jordânia e Marrocos, enfrentaram demandas crescentes por reformas políticas e econômicas, enquanto países do Golfo Pérsico intensificaram medidas de segurança para conter qualquer contágio das ondas de protestos. As consequências da do movimento variaram amplamente, refletindo dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas de cada país, e continuam a moldar a paisagem geopolítica da região de maneiras complexas e multifacetadas.

A mídia desempenhou um papel crucial na cobertura dos levantes da revolução, desafiando as estruturas de comunicação tradicionais e proporcionando um ambiente propício para a disseminação de informações e ideias. Durante os protestos em todos os países envolvidos, as mídias sociais permitiram que os manifestantes se organizassem, compartilhassem relatos em tempo real e mobilizassem um amplo público, tanto nacional como

internacionalmente. Esse rápido fluxo de informações e imagens dos protestos expôs as injustiças e repressões enfrentadas pelos manifestantes, aumentando a conscientização global sobre os acontecimentos na região (Vieira, 2013).

Por fim, a cobertura midiática contribuiu para a criação de uma narrativa pública em torno da Primavera Árabe, influenciando a percepção internacional e, por vezes, influenciando as políticas adotadas por governos e organizações internacionais em relação aos países afetados. A mídia continuou a desempenhar um papel importante no período pós-revolução, informando sobre as mudanças políticas e sociais em curso, as tensões geopolíticas e os desafios enfrentados por esses países em sua busca por estabilidade e reformas (Lopes, 2013).

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa buscou analisar compreender a relevância da mídia com ferramenta estratégica de influência no contexto dos levantes ocorridos durante a Primavera Árabe. Para atingir esse objetivo, o método indutivo foi utilizado: “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal.” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 86). Nessa perspectiva, os conhecimentos generalizados que foram abordados referem-se a conceitos como poder, teoria neoliberal e ferramenta de estratégia de impacto para compreender a influência das mídias à nível internacional.

Como parte dos procedimentos metodológicos para a indução, três etapas foram seguidas. Primariamente, foi feita a observação dos fenômenos, neste caso exemplificados pela Primavera Árabe e a utilização dos instrumentos de informação. Depois, foi avaliado o uso da mídia como recurso para instrumento de poder persuasivo. E, por fim, foi realizada a generalização da relação, através de uma análise da Primavera Árabe e suas mudanças nas dinâmicas de poder nos países envolvidos, sob o olhar dos veículos de comunicação (Lakatos; Marconi, 2003).

Quanto ao campo da ciência, o estudo pode ser classificado como interdisciplinar, integrando conhecimentos e abordagens de diversas disciplinas, como comunicação, relações internacionais, política e sociologia, a fim de obter uma compreensão abrangente e aprofundada do fenômeno. Já em relação à finalidade, ele é de natureza básica, ou seja, busca gerar conhecimento teórico sobre o tema, sem objetivos práticos imediatos.

O estudo de caso foi adotado como procedimento técnico para a coleta e análise dos dados, por sua capacidade de oferecer uma análise detalhada e contextualizada de fenômenos específicos, focalizando em casos de países envolvidos na Primavera Árabe para examinar em detalhes as relações entre o uso da mídia, as implicações geopolíticas para as relações internacionais contemporâneas e a repercussão mundial veiculada pelas plataformas de informação.

Para a realização deste artigo, foram selecionados textos que descrevem os eventos ocorridos durante a Primavera Árabe tanto no cenário interno dos países envolvidos como a percepção dos países exteriores a esse acontecimento. Além disso, foram consultados estudos e notícias que contém dados relevantes quanto à influência da mídia no cenário das relações internacionais, a fim de confirmar a hipótese de que a mídia atuou como um catalisador dinâmico, que amplificou as vozes dos protestantes durante o movimento, moldou a percepção pública e redefiniu as narrativas políticas na era digital

Em termos de objetivo, pode ser entendido como um estudo analítico-descritivo, o qual busca descrever os principais acontecimentos relacionados ao contexto da Primavera Árabe e o grau de relevância da mídia para o desenvolvimento dos levantes. No que se refere à natureza, a pesquisa é qualitativa, uma vez que os conteúdos estudados não são quantificáveis e buscam compreender e interpretar os significados e contextos subjacentes aos eventos e processos abordados na área das Relações Internacionais contemporâneas. Quanto à origem dos dados, são utilizadas fontes secundárias - estudos acadêmicos, notícias veiculadas em meios de comunicação de massa (jornais, televisão, rádio e internet) e documentos oficiais – para embasar a análise, dentre outras (Lakatos; Marconi, 2003).

Por fim, o estudo foi escolhido pois contribui para o debate acadêmico sobre a interseção entre comunicação, política e relações internacionais. A compreensão de como as mídias influenciam as manifestações coletivas atuais em contextos de mudança política e social é fundamental para a compreensão das relações entre governos, ativismo e a opinião pública. Essa pesquisa pode abrir caminho para discussões mais aprofundadas sobre estratégias de comunicação e diplomacia em um mundo cada vez mais conectado e influenciado pelos veículos de comunicação e plataformas de informação modernos.

#### 4 RESULTADOS /DISCUSSÃO

A Primavera Árabe, ocorrida no início da década de 2010, representou uma onda de protestos e levantes populares em diversos países do Oriente Médio e do Norte da África, buscando reformas políticas, sociais e econômicas. Impulsionados por fatores como descontentamento com regimes autoritários, altas taxas de desemprego e a disseminação de informações por meio das redes sociais, os movimentos mobilizaram massas em busca de mudanças democráticas (Joffé, 2011).

A mídia desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da revolução. Sua relevância foi evidente em vários aspectos, influenciando tanto o desencadeamento quanto o curso dos eventos. As plataformas de mídia, especialmente as redes sociais (*Twitter, Facebook, Youtube*), foram ferramentas cruciais na mobilização das massas. Elas permitiram a rápida disseminação de informações, coordenação de atividades e organização de protestos, criando uma consciência coletiva sobre as questões políticas e sociais em jogo (Bartkowiak, 2017).

As plataformas de comunicação proporcionaram, para as vozes daqueles que buscavam mudanças, a amplificação das suas mensagens e demandas. Isso permitiu que as narrativas dos manifestantes alcançassem audiências globais, gerando solidariedade e apoio internacional. A presença dos meios de comunicação, incluindo jornalistas independentes e cidadãos com dispositivos móveis, desempenhou um papel fundamental na documentação dos eventos. Isso contribuiu para a transparência e prestação de contas, expondo a repressão estatal e incentivando ações internacionais em resposta (Lopes, 2013).

A cobertura internacional moldou a percepção global sobre os levantes, influenciando a opinião pública em diferentes partes do mundo. Isso teve impacto nas decisões e posições de líderes internacionais em relação aos eventos na região. Ao mesmo tempo, regimes autoritários na região enfrentaram desafios significativos no controle da narrativa mediática. A disseminação de informações através de canais independentes e redes sociais desafiou o monopólio estatal sobre a mídia (Lopes, 2013).

Por outro lado, a Primavera Árabe não resultou uniformemente em transições democráticas, e muitos países enfrentaram desafios significativos na sequência dos levantes. A persistência de conflitos internos e a ascensão de novas tensões geopolíticas na região destacam a complexidade e a duradoura influência das manifestações. A continuidade de desafios políticos e sociais, muitas vezes agravada por intervenções externas e rivalidades regionais, ressalta como os eventos desencadeados por esses levantes continuam a moldar a dinâmica do Oriente Médio,

revelando a natureza profundamente enraizada e complexa dos conflitos na região (Termos, 2019)

O poder, no contexto das relações internacionais, transcende as abordagens tradicionais centradas apenas em atores estatais. O poder midiático, destacando-se desde as décadas de 1980 e 1990, tornou-se uma força significativa na política global, conforme argumentado pelos teóricos neoliberais Keohane e Nye. Essa concepção ampliada de agentes internacionais reconhece a influência dos meios de comunicação, como exemplificado pelo “Efeito CNN”, que destaca como a constante cobertura midiática pode moldar a agenda pública e política (Robinson, 2002)

A visão de Manuel Castells, apresentada em “*Communication Power*” (2009), enfatiza a importância da “auto-comunicação de massa” proporcionada pelas mídias sociais. Essa forma de comunicação permite que movimentos sociais e insurgências políticas alcancem o espaço público por meio de diversas fontes, desafiando estruturas de poder tradicionais (Castells, 2009). A Primavera Árabe em 2011 exemplifica a transformação gerada pelas “novas tecnologias de voz”, conforme descritas por Nick Couldry, que proporcionam maior alcance e eficiência na circulação de histórias, mesmo diante das barreiras digitais existentes. Assim, a interseção entre poder, mídia e tecnologia reconfigura o panorama das relações internacionais, capacitando novas vozes a desafiar injustiças e influenciar mudanças sociais e políticas em escala global (Couldry, 2010).

Tendo como exemplo a análise dos desdobramentos pós-Primavera Árabe na Tunísia e Egito, revela-se uma trajetória diversificada em termos de liberdades políticas, direitos civis e democracia. Na Tunísia, os indicadores da *Freedom House* apontam uma notável melhoria, passando de um status de “Não Livre” para “Parcialmente Livre”. O país, após os protestos, experimentou avanços significativos na liberdade de imprensa, refletidos em uma pontuação mais baixa na escala da *Freedom House*. Além disso, a ascensão no ranking democrático da *The Economist* evidencia um compromisso contínuo com a democracia.

Por outro lado, o Egito apresentou um cenário mais complexo. Apesar de melhorias temporárias nos anos imediatamente após a revolução, houve retrocessos, especialmente em 2013, resultando em pontuações consistentemente baixas em direitos políticos e liberdades civis. A liberdade de imprensa, inicialmente mais favorável, cedeu espaço para um controle governamental mais rígido dos meios de informação. Apesar de um avanço no ranking democrático, o Egito permanece abaixo da Tunísia, indicando desafios persistentes na consolidação de instituições democráticas (Lima, 2014).

Ambos os casos ilustram o impacto da mídia na narrativa pública da Primavera Árabe. A cobertura midiática inicial contribuiu para uma percepção global dos eventos, moldando as políticas internacionais. No entanto, as nuances das transformações pós-revolução revelam a complexidade desses processos, destacando a importância contínua da mídia na monitorização das mudanças políticas e sociais, e na influência sobre a percepção internacional desses países em sua jornada rumo à estabilidade e reformas (Lopes, 2013).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar a relevância da mídia no contexto dos levantes ocorridos durante a Primavera Árabe. Para atingir esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos. Inicialmente, buscou-se descrever em detalhes os eventos que caracterizaram a Primavera Árabe, destacando a fundamental utilização da mídia nesse cenário, considerando seu papel na mobilização, disseminação de informações e formação de opinião pública durante esse período. Além disso, realizou-se uma avaliação crítica do uso da mídia como ferramenta de influência de poder na era digital. Essa análise envolveu a consideração da sociedade da pós-verdade, o impacto na opinião pública e o aumento dos fluxos de informação, enquadrando a mídia como uma *agenda setter* que desempenha papel central na formação de opiniões.

Adicionalmente, explorou-se as mudanças nas dinâmicas de poder durante a Primavera Árabe no cenário mundial sob a perspectiva da mídia. Utilizando a teoria da interdependência complexa como lente, examinou-se como a mídia contribuiu para a construção de novas narrativas sobre as transformações políticas e sociais na região e como essas narrativas foram transmitidas globalmente.

Ao conduzir a pesquisa e analisar os dados, foi possível validar a hipótese inicial de que as mídias sociais desempenharam um papel crucial no desenvolvimento das manifestações durante a Primavera Árabe. Estas plataformas emergiram como catalisadores dinâmicos, amplificando as vozes dos protestantes, moldando a percepção pública e redefinindo narrativas políticas na era digital. A rápida disseminação de informações facilitou a mobilização em massa, conectando grupos dissidentes, e a descentralização da informação contribuiu para a formação de identidades coletivas, fortalecendo a resistência contra regimes autoritários. A convergência

desses fatores evidencia a centralidade da mídia na transformação dos levantes em eventos de alcance global, reconfigurando narrativas políticas e sociais na região.

## REFERÊNCIAS

BARTKOWIAK, Jaqueline Zandona *et al.* A PRIMAVERA ÁRABE E AS REDES SOCIAIS: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. **Revista Cadernos Internacionais**, [s.l.], v. 2017, n. 1, 2017.

BIJOS, Leila Maria Da'juda; SILVA, Patrícia Almeida da. Análise da primavera árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. **Revista Cej**, [s.l.], v. 17, n. 59, 2013.

BONACINA, Amabilly; ALVES, João Paulo; TESSUTO, Sérgio Minuzzi. A crise no Oriente Médio e a primavera árabe. **Um mundo em crise**, [s.l.], v. 4, p. 19-36, 2017.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press. 2009.

CHESHIRKOV, Boris. Onze anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo. **ACNUR Brasil**, 2022. Disponível em: [COBAN, F. The Role of the Media in International Relations: From the CNN Effect to the Al-Jazeera Effect. \*\*Journal of International Relations and Foreign Policy\*\*, \[s.l.\], v. 4, n. 2, 2016.](https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/#:~:text=Mais%20de%2013%20milh%C3%B5es%20de,est%C3%A3o%20deslocadas%20dentro%20do%20pa%C3%ADs.&text=Os%20pa%C3%ADses%20vizinhos%20e%20pr%C3%B3ximos,deslocados%20em%20todo%20o%20mundo. Acesso em: 10 dez. 2023.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

COULDRY, Nick. **Why voice matters: culture and politics after neoliberalism**. London: Sage. 2010.

ELIAS, Paula de Campos. A mídia e a percepção da sociedade civil nas relações internacionais. **ABRI**, 2011. Disponível em: [FERABOLLI, Sílvia. Entre a revolução e o consenso: os rumos da Primavera Árabe. \*\*Ciências & Letras\*\*, Porto Alegre, n. 51, p. 101-109, 2012.](https://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais/TRIS17~1%20(2).PDF. Acesso em: 09 dez. 2023.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

FIGUEIREDO, Marcos Vinícius Mesquita Antunes de. Dez Anos da Guerra Mundial da Síria: O internacional e o subnacional numa das maiores catástrofes humanitárias do Oriente Médio. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 12, e59456, 2021.

FREEDOM HOUSE. Freedom in the world. **Freedom House**, 2014. Disponível em: <http://freedomhouse.org/report/freedom-world/freedom-world-2014#.UuMwgBC5ddg>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GARDNER, Frank. O homem que 'acendeu' a fagulha da Primavera Árabe. **BBC News**, 2011. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111217\\_bouazizi\\_primavera\\_arabe\\_bg](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111217_bouazizi_primavera_arabe_bg). Acesso em: 17 nov. 2023.

JOFFÉ, George. A primavera árabe no norte de África origens e perspectivas de futuro. **Relações Internacionais**, [s.l.], n. 30, 2011.

HILL, C. **The changing politics of foreign policy**. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

HOUNSHELL, Blake. The revolution will be tweeted: life in the vanguard of the new Twitter proletariat. **Foreign policy**, [s.l.], v. 187 p. 20, 2011.

HOURLANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. *E-book*.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Tiago Levi Diniz. **O Processo De Transição De Regime No Egito E Na Tunísia**. 2014. Tese (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12089>. Acesso em: 09 de dezembro de 2023.

LOPES, Gustavo Chaves. As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera sobre a Primavera Árabe. **Palavra Chave**, [s.l.], v. 16, n. 3, p. 787-811, 2013.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Transnational Relations and World Politics**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

MAGNOLI, Demétrio. **Relações internacionais: teoria e história**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502201989/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MARTINELLI, Caio Barbosa. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, [s.l.], v. 5, 1 ed., 2016.

MCCOMBS, M. E. **The news and public opinion: media effects on civic life**. Cambridge: Malden, 2011.

ROBINSON, Piers. **The CNN Effect**: The myth of news, foreign policy and intervention. New York: Routledge, 2002.

ROBINSON, P.; GODDARD, P.; PARRY, K. Measuring media criticism of war and political elites: A response to Florian Zollmann. **Global Media and Communication**, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 177–185, ago. 2012.

TERMOS, Mouhamed Hassan. **O Governo Sírio do Al-Assad**: Entre Glorificação e Condenação. 2019. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais e Integração) –Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em:  
<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5364/TCC%20Mouhamed%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 dez. 2023.

The Economist. Democracy Index. **Freedomhouse**, c2023. Disponível em:  
<http://www.freedomhouse.org/report-types/freedom-press#.Uvz9xPldVj0>. Acesso em: 11 dez. 2023.

VIEIRA, Vivian Patrícia Peron. O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e mobilização social. *In*: CONGRESSO DA COMPOLÍTICA, 5., 2013, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba, 2013. p. 9-18



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia  
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais  
Tv. Enéas Pinheiro, nº 2626 - Marco  
CEP: 66095-100 Belém - PA  
[www.uepa.br](http://www.uepa.br)